

» Conhecendo o Quadro Comum Europeu de Referência para Línguas: Fundamentos, Objetivos e Aplicações

Prof. M.A. Márcio Luiz Corrêa Vilaça -UNIGRANRIO / UFF
professorvilaca@gmail.com

1- Introdução

O presente artigo tem o objetivo básico de oferecer uma introdução ao Quadro Comum Europeu de Referências para Línguas(Common European Framework of References for Languages: learning, teaching and assessment), um documento elaborado pelo Conselho da Europa(Council of Europe), resultado de pesquisas e projetos sobre o ensino de línguas realizados e patrocinados pelo mesmo ao longo mais de 40 anos(Morrow, 2004).

Convém destacar que o Quadro Europeu é praticamente desconhecido no Brasil. Este desconhecimento provavelmente deve-se ao fato de ser considerado como algo restrito especificamente ao continente europeu, o que a leitura do documento demonstra ser uma idéia equivocada. Apesar do Quadro ter o contexto europeu como base, muitas das questões nele apresentadas e discutidas podem ser de grande utilidade para todos aqueles que atuam no campo de ensino de línguas estrangeiras, independente da localização continental.

Além de oferecer uma visão geral sobre o Quadro, incluindo aspectos políticos e culturais que motivaram a elaboração do mesmo, o presente artigo oferece aqui breves discussões sobre alguns de seus principais aspectos, entre eles: o plurilingüismo, as escalas de descritores e a relação entre o Quadro e a elaboração de materiais didáticos.

2- O Conselho da Europa e o seu interesse no Ensino de Línguas

O Conselho da Europa é a organização política Européia mais antiga, tendo sido fundada em 1949. Atualmente ele reúne 46 países europeus e tem sua sede em Estrasburgo, na França. Além dos países europeus, cinco Estados de continentes variados foram reconhecidos por estatuto como observadores(Santa Sé, Estados Unidos, Canadá, Japão e México). A participação destes Estados demonstra nitidamente haver interesse fora da Europa nos trabalhos desenvolvidos pelo Conselho. A administração do Conselho da Europa é desempenhada por um Comitê de Ministros, do qual participam representantes de todos os países membros.

Conforme Morrow(2004) alerta, o Conselho da Europa não deve ser confundido com a União Européia, da qual participam 25 países (todos integrantes do Conselho de Europa). De acordo com informações disponíveis no próprio site da organização, “nenhum país aderiu à União Européia sem primeiro ter pertencido ao Conselho da Europa”. Outro cuidado necessário é não confundir o Conselho da Europa com o Conselho Europeu. Este último refere-se à reunião dos chefes de Estado e de governo dos Estados membros da União Européia, que ocorre de forma periódica, ao menos, duas vezes por ano.

A criação do Conselho da Europa teve como motivação os seguintes fins:

- ü defender os direitos do homem e a democracia parlamentar, e assegurar a preeminência do direito
- ü concluir acordos à escala do continente para harmonizar as práticas sociais e jurídicas dos Estados membros
- ü favorecer a tomada de consciência da identidade européia, fundada sobre valores partilhados que transcendem as diferentes culturas.

(Conselho da Europa – www.coe.int)

Além dos fins apresentados acima, a partir de 1989 o Conselho da Europa passa a ter missões especiais:

- ü ser um ancoradouro político e o guardião dos direitos do homem para as democracias pós-comunistas da Europa,
- ü ajudar os países da Europa central e oriental a pôr em marcha e a consolidar reformas políticas, legislativas e constitucionais, paralelamente às reformas econômicas,
- ü fornecer um certo " *know-how*" em domínios como os dos direitos do homem, da democracia local, da educação, da cultura, do meio ambiente.

(Conselho da Europa – www.coe.int)

É esta terceira missão especial que motivou mais diretamente o desenvolvimento do Quadro Comum Europeu: fornecer “ *know-how*” na área de ensino de línguas estrangeiras. É importante destacar que, em um continente com uma variedade tão grande de línguas nativas, o interesse no ensino de línguas adquire um caráter especial inegável.

Ao desenvolver o ensino de línguas estrangeiras, o Conselho da Europa facilita direta e indiretamente a realização de seus demais objetivos apresentados acima. Afinal, as línguas possibilitam

e facilitam as relações culturais, políticas, comerciais e financeiras entre os países membros e as populações destes países. Em outras palavras, o conhecimento de várias línguas proporciona um grande aumento da integração entre seus Estados Membros.

3 - Quadro Comum Europeu: seus objetivos e características

A finalidade básica do Quadro Comum Europeu, apresentada no início do documento, é “proporcionar uma base comum para a elaboração de programas de ensino de língua, bases curriculares, exames e livros-texto por toda a Europa”(Council of Europe, 2001:1). Para isso, ele descreve, de forma abrangente e, até certo ponto, detalhada, o que os alunos precisam aprender para usar uma língua com fins comunicativos. O documento focaliza principalmente os conhecimentos e as competências necessárias ao desenvolvimento da competência comunicativa.

Ao longo do documento, vários objetivos são apresentados e discutidos, entre eles:

- ü Planejamento de programas de ensino/curriculuns
- ü Planejamento de certificações
- ü Elaboração de materiais didáticos
- ü Planejamento de aprendizagem autodirecionada
- ü Cooperação entre sistemas educacionais
- ü Promover uma abordagem plurilíngüe e pluricultural de ensino
- ü Desenvolvimento de uma cidadania européia

O Quadro tem natureza descritiva. Em todos os seus capítulos, os professores são levados à reflexão de possibilidades de aplicação e adaptação do mesmo aos seus contextos de aprendizagem. Não há nenhuma intenção de prescrever métodos de ensino específicos a serem empregados. As palavras *necessidade* e *contextos* são freqüentes ao longo de todo o documento, o que reflete o interesse na adaptação e na adequação do Quadro aos mais diversos contextos e sistemas educacionais, tanto dentro quanto fora da Europa.

Apesar de não ter caráter prescritivo, é importante destacar que, conforme discutido por Heyworth(2004:12), é fácil observar que a abordagem de ensino que norteou ou, pelo menos, influenciou o desenvolvimento do Quadro foi a abordagem comunicativa.

4- A defesa do Plurilingüismo como base

O Quadro Comum Europeu defende o conceito de plurilingüismo para o ensino de línguas estrangeiras. O Quadro argumenta que o plurilingüismo difere do multilinguismo. Segundo o Documento, o multilingüismo refere-se basicamente à oferta de diferentes línguas estrangeiras para a aprendizagem e ao processo de motivação dos alunos para a aprendizagem de diferentes línguas. O plurilinguismo, por outro lado, não se refere apenas ao domínio de diversas línguas, mas também à estreita relação entre língua e cultura. Objetiva-se, portanto, o desenvolvimento de competências plurilíngües e pluriculturais. Segundo o Documento:

“A competência plurilíngüe e pluricultural refere-se à habilidade de usar línguas para propósitos de comunicação e tomar parte em interação intercultural, onde uma pessoa vista como um agente social tem proficiência, de níveis variados, em diversas línguas e experiência de diversas culturas”.

(Council of Europe, 2001:168)

A citação acima reflete o inegável interesse do Conselho da Europa em promover cada vez mais a interação entre os seus Estados Membros e o acesso à herança cultural europeia(Morrow, 2004). Com isso, o Conselho da Europa visa à promoção da interculturalidade.

Morrow(2004:4) apresenta duas possíveis saídas hipotéticas que o Conselho poderia ter adotado para lidar com a questão da enorme diversidade lingüística na Europa. Estas seriam:

- 1- a adoção de uma língua-franca
- 2- a adoção de uma língua artificial como o Esperanto.

Entretanto, o próprio autor(Morrow, 2004,4) argumenta que estas opções não são indicadas por razões óbvias. Primeiramente, a adoção de uma língua-franca agradaria a um país, que teria sua língua internacionalmente valorizada e empregada, e desagradaria a todos os demais países. Em segundo lugar, a adoção de uma língua artificial geraria uma enorme barreira na comunicação cultural internacional. Logo, a opção pelo plurilingüismo se justifica plenamente.

5- A Organização do Quadro

Uma vez já tendo discutido alguns aspectos centrais relativos à história e à elaboração do Quadro Comum Europeu, considero útil fazer uma breve apresentação panorâmica de seus capítulos, de forma a possibilitar uma visão geral do todo. O Quadro Comum Europeu está dividido em 9 capítulos de tamanhos e estruturas variadas.

O primeiro capítulo introduz o Quadro, apresentando algumas das razões que motivaram a elaboração do mesmo pelo Conselho da Europa. Objetivos e características do mesmo são apontadas e discutidas, inclusive a defesa do plurilingüismo(Cf. Seção 4 deste trabalho). O capítulo ainda indica possíveis usos do Quadro e apresenta os critérios que conduziram à preparação do mesmo.

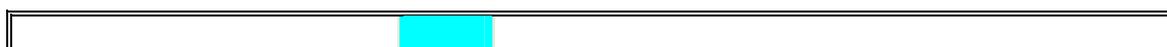
O capítulo seguinte apresenta a abordagem a ser empregada pelo Quadro, chamando-a de Abordagem Baseada em Ação(Action-based approach). A abordagem baseada em ação é brevemente apresentada como uma abordagem onde os alunos e usuários de línguas são vistos fundamentalmente como “agentes sociais”(Council of Europe, 2001:9). Defende-se que a compreensão de usos da língua só pode ser plenamente alcançada se considerarmos o contexto geral onde eles se manifestam.

Em seguida, o capítulo apresenta uma grande variedade de conceitos e aspectos que serão discutidos com um pouco mais de profundidade nos demais capítulos do documento. Entretanto, convém destacar que há uma grande variedade de termos sendo sucintamente e, por muitas vezes, vagamente definidos e comentados, o que ocasiona confusão e dificulta a compreensão dos mesmos. Alguns desses termos e conceitos introduzidos são: *competências, estratégias, tarefas, atividades lingüísticas, texto e contexto*. Este capítulo, excetuando-se a defesa da abordagem baseada em ação, pode ser considerado como uma preparação para os demais, uma vez que, conforme citado, quase todo o seu conteúdo será retomado em capítulos posteriores, especialmente nos capítulos 4 e 5.

O terceiro capítulo introduz um dos aspectos centrais do Quadro: os Níveis Comuns de Referência. Estes níveis classificam os alunos e usuários de uma língua como usuários básicos(basic user), usuários independentes(independent user) e usuários proficientes(proficient user). Estes níveis são respectivamente representados pelas letras A, B e C. O Quadro discute seis níveis(A1, A2, B1, B2, C1, C2) , conforme apresentado na figura abaixo:

Figura 1- Níveis de Referências propostos pelo Quadro Comum Europeu

Ao longo de todo o Quadro, estes níveis são usados com escalas ilustrativas de descritores que indicam o que o aprendiz/usuário deve conseguir realizar em cada um deles e o nível de perfeição da realização. Vejamos um exemplo extraído da Escala Global (Cf. Anexo).



UTILIZADOR ELEMENTAR	A2	É capaz de compreender frases isoladas e expressões de uso freqüente relacionadas com assuntos de prioridade imediata (por exemplo, informações pessoais e familiares simples, compras, meio envolvente, trabalho). É capaz de comunicar em situações correntes que apenas exijam trocas de informações simples e directas sobre assuntos e actividades habituais. É capaz de descrever com meios simples a sua formação, o seu meio envolvente e referir assuntos que correspondam a necessidades imediatas.
UTILIZADOR ELEMENTAR	A1	É capaz de compreender e utilizar expressões familiares e correntes assim como enunciados simples que visam satisfazer necessidades imediatas. É capaz de apresentar-se ou apresentar alguém e colocar questões ao seu interlocutor sobre assuntos como, por exemplo, o local onde vive, as suas relações, o que lhe pertence, etc. É capaz de responder ao mesmo tipo de questões. É capaz de comunicar de forma simples desde que o seu interlocutor fale clara e pausadamente e se mostre colaborante.

Fonte: Conselho da Europa (Tradução Oficial Portuguesa)

Descritores como este parcialmente apresentado acima são oferecidos pelo Quadro para uma ampla variedade de competências, atividades, estratégias etc. Possivelmente estes descritores sejam uma das maiores colaborações do Quadro. Heyworth(2004,17) argumenta que, embora o uso de descritores não seja novo, os descritores oferecidos pelo Quadro Europeu são mais rigorosamente organizados que a maioria disponível. Enfatizando a importância dos descritores, Morrow(2004,8) afirma que os níveis constituem o coração do quadro . Além disso, não se pode esquecer que um dos principais objetivos do Quadro Comum Europeu é auxiliar na elaboração de certificações e na comparação as mesmas(North, 2004).

Seguindo o propósito não-prescritivo do Quadro, os usuários podem adaptar estes níveis ou subdividi-los da forma mais apropriada ao seu contexto. Há neste capítulo alguns exemplos de adaptações dos níveis.

O Capítulo 4 discute e descreve categorias diversas relacionadas ao uso de língua. Algumas dessas categorias são: *tarefas comunicativas, situações, estratégias e atividades*. Muitas escalas de descritores são oferecidas, o que representa uma grande ferramenta, especialmente na elaboração de planos de ensino. Em resumo: o capítulo pretende discutir e explicitar diferentes aspectos que interagem quando uma pessoa usa uma língua.

O quinto capítulo discute as competências geral e comunicativa necessárias ao uso de uma língua em situações comunicativas reais. Estas competências são analisadas e divididas em

componentes menores. A competência comunicativa, por exemplo, é dividida em: lingüística, sociolingüística e pragmática.

O capítulo 6 focaliza o processo de ensino e aprendizagem de línguas. Aspectos relacionados à aquisição e à aprendizagem de línguas são discutidos. O capítulo questiona o que os alunos precisam aprender e adquirir para poder usar uma língua de forma eficiente em situações comunicativas. Ao responder a este questionamento o Quadro(Council of Europe, 2001:131) afirma que os aprendizes precisam adquirir ou aprender:

- Ø As competências necessárias – geral e comunicativa – conforme discutido no capítulo 5 do Quadro
- Ø A habilidade de pôr estas competências em ação
- Ø A habilidade de empregar as estratégias necessárias para realizar estas competências

Em outras palavras, o capítulo volta a discutir as competências necessárias para o desenvolvimento de uma competência plurilíngüe. Em termos gerais, o capítulo oferece elementos que visam a auxiliar no planejamento de práticas docentes, planejamentos de cursos e curriculum, e as formas como os professores podem auxiliar neste processo.

Enquanto os dois capítulos anteriores(Capítulos 5 e 6) discutem o uso lingüístico e as competências necessárias para este uso, o capítulo 6 focaliza mais especificamente o processo de ensino/aprendizagem, oferecendo vários questionamentos que os professores podem se fazer ao planejar a sua abordagem ou método. De acordo com o quadro a aprendizagem e a aquisição são processos complementares(Council of Europe, 2001:139 ; Heyworth,2004:19).

O sétimo capítulo focaliza as tarefas. Suas características e funções são detalhadamente discutidas. De acordo com o Quadro, as tarefas são características da vida diária em diversos domínios(Council of Europe, 2001:157). Para a realização das tarefas, o usuário faz uso de estratégias que ativam competências específicas. O Quadro argumenta que as tarefas ocupam um lugar central no ensino de línguas estrangeiras, tanto no planejamento de programas de ensino(curriculum) quanto na elaboração de materiais didáticos e testes(Council of Europe,2001:157).

A estreita relação entre o emprego de estratégias de aprendizagem e a realização de tarefas é enfatizada especialmente nos capítulos 2, 4 e 7(Council of Europe, 2001: 10,15,57,159).

O capítulo 8 discute questões relativas à variação lingüística no ensino de língua, especialmente em uma proposta de desenvolvimento da competência plurilíngüe e pluricultural.

O último capítulo focaliza formas de avaliação. Inicialmente o capítulo discute princípios relacionados à avaliação, entre eles, os conceitos de validade e confiabilidade. Em seguida, 23 tipos de avaliação são descritos e discutidos. Alguns pontos positivos e negativos são levantados para essas diversas formas de avaliação.

6- A Relação entre o Quadro Comum Europeu e a elaboração de materiais didáticos

Um dos objetivos do Quadro Comum Europeu, conforme citado acima, é auxiliar na elaboração de materiais didáticos. Este objetivo é repetido várias vezes ao longo de todo o documento. Deste modo, faz-se relevante discutir de que forma o Quadro pode desempenhar tal papel. Nesta seção do presente trabalho pretendo discutir a relação entre o Quadro e a elaboração de materiais didáticos.

Antes de estabelecer possíveis usos do Quadro na elaboração de materiais didáticos, considero importante apontar algumas de suas funções. Cunningsworth(1995:7) defende que o livro didático de língua estrangeira tem “múltiplos papéis”:

- ü Recurso para a apresentação de materiais(falado e escrito)
- ü Fonte de atividades para prática do aluno e interação comunicativa
- ü Fonte de referência para os alunos sobre gramática, vocabulário, pronúncia, etc
- ü Programa de ensino
- ü Recursos para uma aprendizagem autodirecionada ou trabalho de auto-acesso
- ü Suporte para os professores menos experientes que ainda precisam adquirir confiança

Um dos papéis fundamentais de um livro didático, segundo Cunningsworth(1995) é proporcionar o plano de ensino(syllabus). De acordo com Breen(2004:1) o plano de ensino é “o plano do que deve ser alcançado através do ensino e da aprendizagem”. Compõe-se basicamente de quatro elementos: os objetivos, o conteúdo, a metodologia e a avaliação(Breen, 2004: 1).

O Quadro oferece bases para o planejamento e a seleção dos quatro componentes do plano de ensino apontados acima. Entretanto, focalizarei na relação do Quadro com os objetivos e com o conteúdo de ensino.

A literatura sobre objetivos de ensino classicamente aponta dois tipos de objetivos: os gerais e os específicos. Discutirei brevemente aqui dois objetivos gerais geralmente defendidos no ensino de línguas estrangeiras: a competência comunicativa e a formação de um aluno autônomo.

O Quadro Comum Europeu advoga que o processo de ensino aprendizagem deve proporcionar a aquisição e a aprendizagem de diferentes elementos, estratégias e competências que conduzam à construção da competência comunicativa. Encontramos, aqui, portanto, um forte ponto de harmonia entre a proposta do Quadro e os objetivos geralmente defendidos na literatura sobre ensino de línguas.

Outro aspecto importante a ser levantado sobre os objetivos gerais de ensino de uma língua estrangeira é o desenvolvimento da autonomia. Inúmeros autores e pesquisadores defendem que o processo de ensino aprendizagem deve ser planejado e realizado de forma a conduzir a uma aprendizagem autônoma. A autonomia possibilita que os alunos tomem maior responsabilidade sobre o seu processo de aprendizagem(Oxford,1990: Dickinson, 1994: Vilaça, 2003).

Mais uma vez de forma harmônica, o Quadro também argumenta que professores e programas de ensino devem instrumentalizar os alunos a usar diferentes meios e estratégias que os incentivem e preparem para uma aprendizagem autônoma.

O segundo componente de um programa de ensino, o conteúdo, refere-se ao que será ensinado de forma a possibilitar que os objetivos gerais e específicos do mesmo sejam atingidos. Este é, provavelmente, o elemento sobre o qual o Quadro pode ter maior influência e impacto. A justificativa para esta afirmação baseia-se na ampla variedade de escala de descritores oferecidos pelo Quadro. As escalas de descritores apresentadas pelo Quadro Comum Europeu oferecem auxílio para dois aspectos básicos na elaboração de um programa de ensino: o conteúdo em si e a ordem na qual ele este deve ser apresentado.

As escalas fornecem um rico material para a elaboração de conteúdos de ensino. Conforme discutido anteriormente, elas focalizam predominantemente em aspectos que conduzem à competência comunicativa, especialmente os elementos de naturezas funcional e situacional, conforme afirma Keddle(2004,43). É importante lembrar que as escalas não apresentam conteúdos gramaticais que devem ser ensinados. Os conteúdos gramaticais devem ser selecionados pelos professores, de forma a possibilitar gradualmente a aquisição da competência comunicativa.

O Quadro oferece uma análise do que os aprendizes e usuários fazem com a língua, ou seja, os usos lingüísticos. Em outras palavras, o Quadro descreve diferentes tipos de performances lingüísticas, organizando-as em níveis diferentes.

As escalas apresentam aspectos diversos relacionados ao uso de uma língua. Vejamos alguns exemplos:

ü Estratégias de produção

- ü Recepção oral
- ü Recepção visual
- ü Recepção áudio-visual
- ü Estratégias de recepção
- ü Interação oral
- ü Interação escrita
- ü Estratégias de interação
- ü Diferentes competências

Cada um dos grupos apresentados acima são divididos e diferentes escalas de marcadores. A interação oral, por exemplo, apresenta escalas ilustrativas para:

- ü Interação oral geral
- ü Compreendendo um interlocutor falante nativo
- ü Conversação
- ü Discussão informal
- ü Discussões e encontros formais
- ü Cooperação orientada a objetivos
- ü Transações para a obtenção de bens e serviços
- ü Troca de informações
- ü Entrevistando e sendo entrevistado

Dessa forma, é fácil constatar que o Quadro tem grande aplicabilidade na elaboração de matérias didáticos, em especial no que diz respeito a bases para o planejamento de programas de ensino/currículo. Esta aplicabilidade já se manifesta na prática em livros didáticos, principalmente em materiais que são publicados por editoras europeias e por editoras que tenham negócios e/ou interesses no mercado europeu.

A adoção do Quadro por associações de examinadores acaba por “motivar” que o mesmo seja adotado ou, pelo menos, considerado, pelas editoras. Este fato pode ser facilmente constatado em materiais que, direta ou indiretamente, estabelecem comparações entre os seus níveis e os níveis do Quadro e de exames de proficiência. Isso faz com que a tendência natural seja uma relação cada vez mais próxima entre o Quadro e os escritores de materiais didáticos, principalmente, mas não unicamente, no mercado europeu. Justifico o porquê de não unicamente o mercado europeu. É importante ter em mente que as línguas mais comumente estudadas como línguas estrangeiras, como por exemplo, o inglês, o francês, o italiano, o espanhol, o alemão, são línguas europeias. Logo, é possível concluir que certamente o Quadro influenciará cada vez mais a elaboração de materiais

didáticos nestas línguas em países de diferentes continentes, até mesmo como uma forma de atender ao mundo globalizado.

7- Considerações Finais

O Quadro Comum Europeu apresenta pontos positivos e negativos. Seria utópico esperar perfeição de algo que trata de uma questão tão complexa como o ensino de línguas estrangeiras. Discuto nesta seção alguns dos pontos positivos e negativos do Quadro. Inicialmente discutirei os pontos positivos, passando em seguida à apresentação dos negativos.

O primeiro ponto positivo a ser apontado é a descrição detalhada do complexo processo de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras. O Quadro oferece, especialmente para professores inexperientes, uma visão geral e, até certo ponto, detalhada sobre diversos aspectos relacionados ao ensino de língua. Discute, por exemplo, questões relacionadas às estratégias de aprendizagem, às competências de naturezas diversas envolvidas no ensino e no uso de uma língua e a elementos que devem ser levados em consideração no planejamento de programas de ensino. Esta descrição, no entanto, pode ao mesmo tempo ser considerada um dos “problemas” do quadro. A ampla discussão de tantos termos, conceitos e princípios faz com que muitas vezes as explicações e/ou definições do mesmo sejam um pouco vagas. Um exemplo disso é a definição de estratégias apresentada no início do Quadro:

“Uma estratégia é qualquer linha de ação organizada, proposital e regulada escolhida por um indivíduo para desempenhar uma tarefa que ele se estabelece para si próprio ou com a qual ele se depara”. [\[i\]](#)

(Council of Europe, 2001:10)

Mais adiante no Capítulo 4, o próprio Quadro afirma que o termo tem sido com significados variados:

“A palavra estratégia tem sido usada de diferentes formas. Aqui o que se pretende dizer é a adoção de uma linha particular de ação com o objetivo de maximizar a eficácia”.

(Council of Europe, 2001: 57)

Desta forma é fácil perceber que o próprio documento reconhece um de seus pontos negativos: a generalização de alguns conceitos discutidos.

Outro ponto positivo a ser destacado refere-se às escalas de descritores. Elas podem auxiliar de forma significativa tanto na elaboração e seleção de atividades e tarefas quanto no planejamento e desenvolvimento de programas de ensino e materiais didáticos.

A crítica mais comum em relação ao Quadro parece ser a dificuldade de leitura do mesmo (Heyworth, 2004; Komorowska, 2004; Morrow, 2004). Os autores argumentam, entre outras coisas, que o texto denso e volumoso pode desmotivar a leitura do mesmo ou gerar dificuldades de compreensão. Komorowska (2004:57), ao adotar o Quadro na formação de professores, relata que:

“Os estudantes criticaram tanto a extensão quanto a sua estrutura, apontando imbricações, especialmente nos capítulos relacionados ao uso de língua, aprendizagem de língua e ensino de língua; Eles também reclamaram das intermináveis tipologias e listas”.

Morrow (2004) aponta duas outras críticas sofridas pelo Quadro: a fraca fundamentação teórica e a possibilidade do Quadro atender a interesses e necessidades financeiras de editora e agências internacionais, como os membros da ALTE (Association of Language Testers in Europe).

Certamente do Quadro merece ter outros pontos positivos e negativos destacados. Entretanto, devido à natureza do presente trabalho e ao seu caráter introdutório, considero que os aspectos acima mencionado possibilitam uma compreensão geral do mesmo, no que se refere aos objetivos do Quadro, sua organização, estrutura e possíveis aplicações, entre outros aspectos.

Finalizo este trabalho indicando que a leitura e o estudo do Quadro Comum Europeu é de grande interesse e utilidade para professores de línguas estrangeiras, mesmo para aqueles que não pretendem trabalhar diretamente com o mesmo. Vale comentar que, embora no Brasil ele seja praticamente desconhecido, sua influência começa a se manifestar especialmente na elaboração de livros didáticos e em exames internacionais de certificação.

8- Referências Bibliográficas:

Breen, M. P. Syllabus Design. In: CARTER, R & NUNAN, D. *The Cambridge Guide to Teaching English to Speakers of Other Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

Council of Europe . *Common European Framework of Reference for Languages: Learning, teaching, assessment*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. Também disponível para download em

http://www.coe.int/T/E/Cultural_Cooperation/education/Languages/Language_Policy/Common_Framework_of_Reference/1cadre.asp#TopofPage

Cunningsworth, A. *Choosing your coursebook*. Oxford: Heineman, 1995.

Dickinson, L. *Learner Autonomy: what, why and how*. IN: LEFFA, V. *Autonomy in language learning*. Porto Alegre: Editora da Universidade UFRGS, 1994.

Heyworth , F. Why the CEF is important. In: Morrow, K. (eds) *Insight from the Common European Framework*. Oxford and New York, Oxford University Press, 2004.

Kedde , J. The CEF and the secondary school syllabus. In: Morrow, K. (eds) *Insight from the Common European Framework*. Oxford and New York, Oxford University Press, 2004.

Komorowska , H. The CEF in Pre-and in service teacher education. In: Morrow, K. (eds) *Insight from the Common European Framework*. Oxford and New York, Oxford University Press, 2004.

Mariani , L. Learning to learn with the CEF. In: Morrow, K. (eds) *Insight from the Common European Framework*. Oxford and New York, Oxford University Press, 2004.

Morrow , K. (eds) *Insight from the Common European Framework*. Oxford and New York, Oxford University Press, 2004.

Morrow , K. Background to the CEF. In: Morrow, K.(eds) *Insight from the Common European Framework*. Oxford and New York, Oxford University Press, 2004.

Oxford , R . *Language learning strategies: what every teacher should know*. Nova York: Newbury House Publishers,1990.

Vilaça , M. L. C. *Estratégias na aprendizagem de língua estrangeira: um estudo de caso autobiográfico*. Dissertação de Mestrado apresentada à Coordenação dos Programas de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro.158 fls, 2003.

Wall , P. Using the CEF to develop English courses for adults at the University of Gloucestershire. In: Morrow, K.(eds) *Insight from the Common European Framework*. Oxford and New York, Oxford University Press, 2004.

Anexo

Escala Global:

UTILIZADOR EXPERIENTE	C2	É capaz de compreender sem esforço praticamente tudo o que lê ou ouve. É capaz de reconstituir factos e argumentos de fontes diversas, escritas e orais, resumindo-as de forma coerente. É capaz de se exprimir de forma espontânea, fluente e precisa e de distinguir pequenas diferenças de sentido relacionadas com assuntos complexos.
UTILIZADOR EXPERIENTE	C1	É capaz de compreender uma vasta gama de textos longos e complexos, assim como detectar significações implícitas. É capaz de exprimir-se de forma espontânea e fluente sem, aparentemente, ter de procurar as palavras. É capaz de utilizar a língua de maneira eficaz e flexível na sua vida social, profissional ou académica. É capaz de exprimir-se sobre assuntos complexos, de forma clara e bem estruturada, e de mostrar domínio dos meios de organização, de articulação e de coesão do discurso
UTILIZADOR INDEPENDENTE	B2	É capaz de compreender o conteúdo essencial de assuntos concretos ou abstractos num texto complexo, incluindo uma discussão técnica na sua especialidade. É capaz de comunicar com uma grande espontaneidade que permita uma conversa com um falante nativo, não se detectando tensão em nenhum dos falantes. É capaz de exprimir-se de forma clara e pormenorizada sobre uma vasta gama de assuntos, emitir uma opinião sobre uma questão actual e discutir sobre as vantagens e as desvantagens de diferentes argumentos.
UTILIZADOR INDEPENDENTE	B1	É capaz de compreender os pontos essenciais quando a linguagem padrão utilizada é clara, tratando-se de aspectos familiares em contextos de: trabalho, escola, tempos livres, etc. É capaz de participar na maior parte das situações que podem ocorrer em viagem, numa região onde a língua alvo é falada. É capaz de organizar um discurso simples e coerente sobre assuntos familiares, em diferentes domínios de interesse. É capaz de relatar acontecimentos, experiências ou um sonho, expressar um desejo ou uma ambição e justificar, de forma breve, as razões de um projecto ou de uma ideia.
UTILIZADOR ELEMENTAR	A2	É capaz de compreender frases isoladas e expressões de uso frequente relacionadas com assuntos de prioridade imediata

		(por exemplo, informações pessoais e familiares simples, compras, meio envolvente, trabalho). É capaz de comunicar em situações correntes que apenas exijam trocas de informações simples e directas sobre assuntos e actividades habituais. É capaz de descrever com meios simples a sua formação, o seu meio envolvente e referir assuntos que correspondam a necessidades imediatas.
UTILIZADOR ELEMENTAR	A1	É capaz de compreender e utilizar expressões familiares e correntes assim como enunciados simples que visam satisfazer necessidades imediatas. É capaz de apresentar-se ou apresentar alguém e colocar questões ao seu interlocutor sobre assuntos como, por exemplo, o local onde vive, as suas relações, o que lhe pertence, etc. É capaz de responder ao mesmo tipo de questões. É capaz de comunicar de forma simples desde que o seu interlocutor fale clara e pausadamente e se mostre colaborante.

Tradução oficial portuguesa (Quadro Europeu Comum de Referência – Conselho da Europa)

[1] - A strategy is any organized, purposeful and regulated line of action chosen by an individual to carry out a task which he or she sets for himself or herself or with which he or she is confronted.

Márcio Luiz Corrêa Vilaça é doutorando em Letras (Estudos Lingüísticos) pela UFF, mestre em Lingüística Aplicada pela UFRJ e bacharel e licenciado pleno em Letras(Português-Ingês) pela UFRJ. Autor de Vocabulário Rápido em In glês(2004) e Dominando os Verbos Ingleses (2005), publicados pela Editora Ciência Moderna.

Homepage: www.marciovilaca.pop.com.br

E-mail: professorvilaca@gmail.com